

Pela reeducação dos brancos

Índios xavante e mehinaku mostram rituais de suas tribos em espetáculos itinerantes

FRANCISCO CARVALHO

SÃO PAULO – O Parque do Ibirapuera, em São Paulo, transformou-se em palco para cerca de 50 índios xavante e mehinaku mostrarem seus cantos e danças. Pisando no chão de terra batida, os membros das duas nações pareciam estar à vontade sob a lua cheia e diante dos mais de 500 espectadores que lotaram as arquibancadas. O espetáculo lançou o projeto *Rito de Passagem*, idealizado pelo Instituto de Desenvolvimento das Tradições Indígenas (Ideti), que levará, no segundo semestre, a programação para outros estados, inclusive o Rio.

O Ideti é uma organização não governamental criada em junho de 1999 por jovens indígenas que vivem em São Paulo. Eles estudam e trabalham para divulgar a cultura de seus povos. “O objetivo é reeducar os brancos e buscar sua aproximação com os índios por meio da valorização da diversidade cultural”, afirmou a coordenadora do Ideti, a jornalista Angela Pappiani.

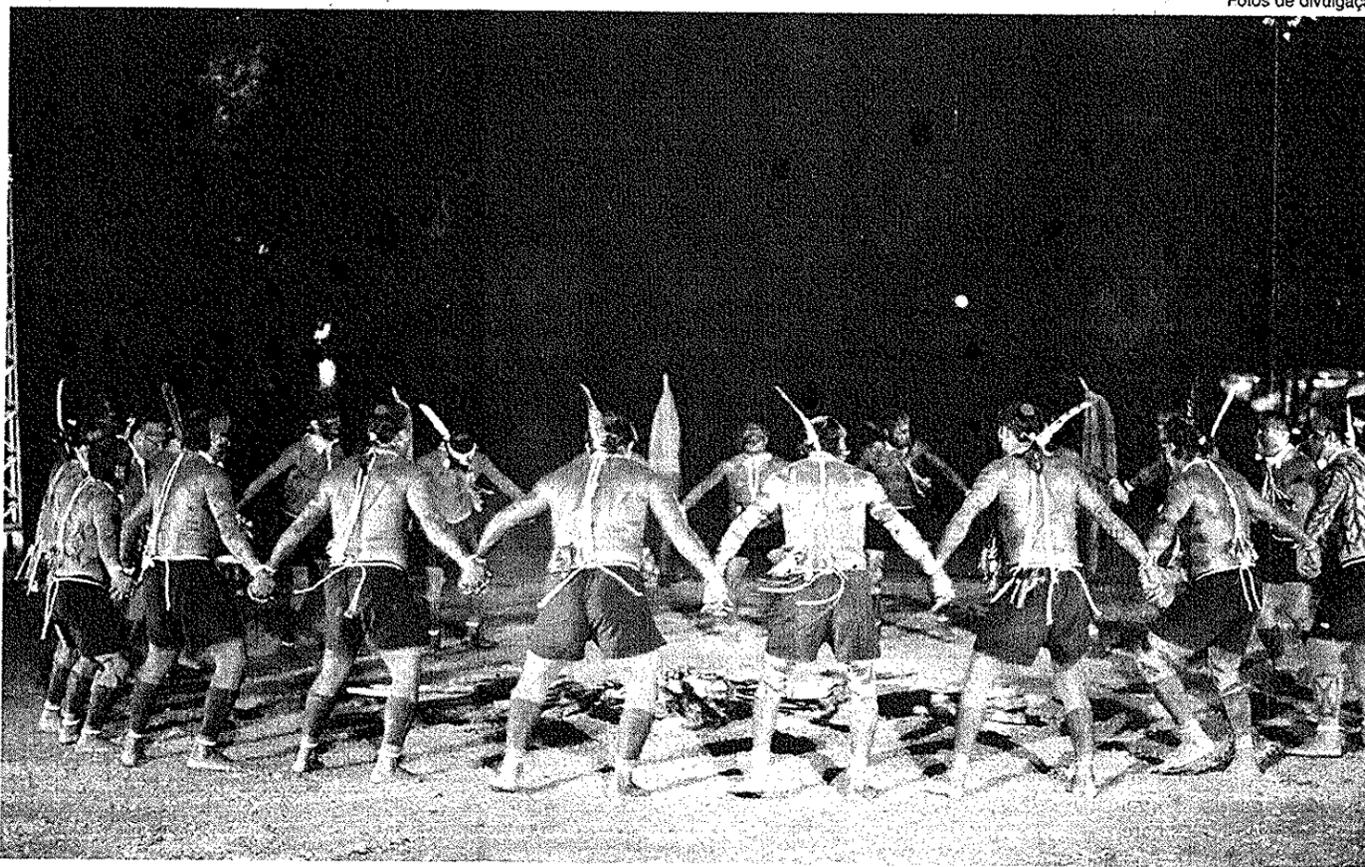
O rito exibido pelos líderes xavante e mehinaku mostrou a passagem dos indígenas da juventude para a idade adulta, conhecida nas aldeias por “dança da furação de orelha”. O público aplaudiu mais as cenas de maior intensidade dramática, particularmente quando os índios incorporam espíritos e executam cantos melancólicos.

Supitó, 30 anos, cacique Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, em Mato Grosso (Parque do Xingu), explicou no dialeto jê, que ele traduziu depois para o português: “As nações indígenas estão esquecidas pelos brancos. É bom aproveitar as festas dos 500 anos para mostrar a força do nosso espírito e que nossa cultura não morreu. Nossos filhos, desde cedo, aprendem sobre sua origem”.

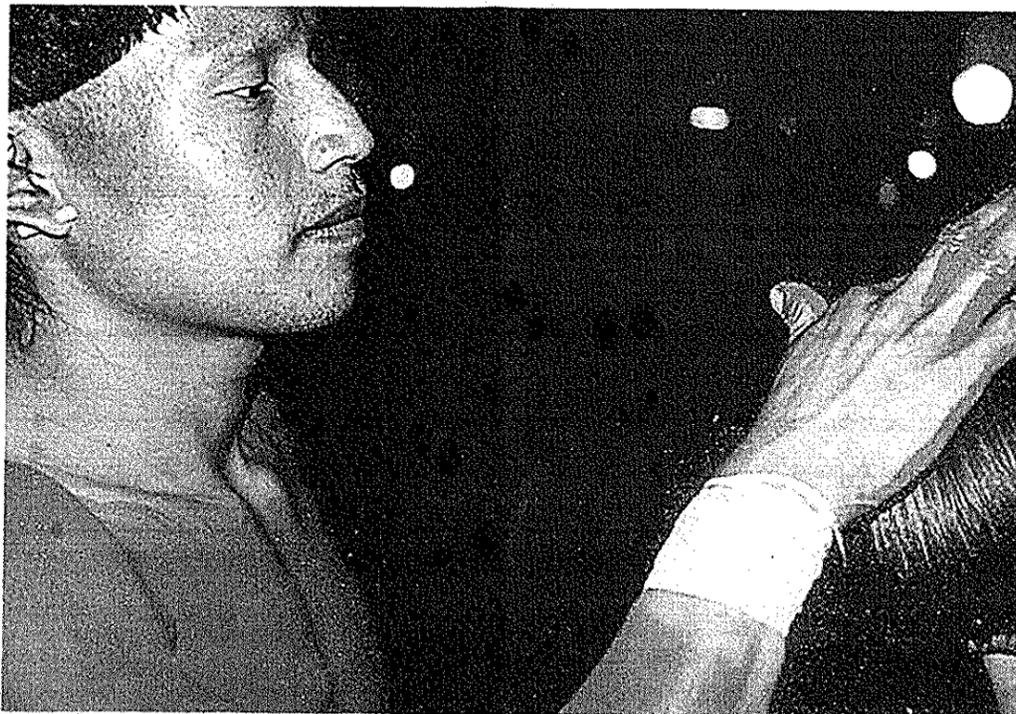
Segundo o cacique, o importante é mostrar essa tradição aos jovens e crianças brancas. “Esperamos que tenham consciência de que os índios existem e assim vão respeitar nossos filhos e netos, porque nossos antepassados não foram respeitados”, lamentou Supitó, um dos jovens de sua aldeia que saiu do Xingu em 1975 para estudar até o segundo grau em Ribeirão Preto (SP) e em Cuiabá (MT). Ele criticou os conflitos ocorridos na semana passada em Porto Seguro. “A maneira como que meus parentes foram tratados na Bahia é vergonhosa para o governo. Polícia e sem-terra fizeram confusão. Eles aproveitaram nossa presença.”

Os xavante e mehinaku ficarão dez dias em São Paulo. A maioria deles nunca tinha saído de suas aldeias. Pappiani, que se envolveu com a causa indígena em 1973, explicou que inicialmente ficou temerosa em fazer uma programação que exigisse a permanência dos indígenas na cidade. “Eles se afetam muito com o barulho, com a alimentação e principalmente por dormirem em camas. A maioria pediu beiju (farinha de mandioca) e peixe nas refeições e todos, principalmente as mulheres, sentiram saudades da família. Mesmo assim, a boa-vontade deles com esse tipo de aproximação superou tudo”, afirmou.

O cacique Supitó mostrava alegria ao explicar a oportunidade que os xavante (da etnia jê) tiveram de exibir sua tradição. Ele disse ter ficado também emocionado em compartilhar com os mehinaku (tronco Tupi) do mesmo espetáculo e, principalmente, de ficarem no mesmo alojamento. “Apesar de vivermos no Xingu com mais 16 grupos, mais de 5 mil pessoas, sempre vemos os mehinaku de lon-



Evento dos Xavante ocupa o Ibirapuera, em São Paulo, e chega ao Rio no segundo semestre: valorizar heranças indígenas



ge. Ficamos perto agora e os jovens das duas nações se emocionaram ao ouvirem línguas diferentes. Só os mais velhos conversaram porque falam português. No começo, houve receio deles, porque os xavante sempre foram considerados guerreiros”, disse, com orgulho.

Os xavante e os mehinaku apresentam-se hoje em Paulínia, região de Campinas. Na segunda-feira retornarão a São Paulo para ensinar pintura corporal às crianças no Sesc Itaquera, Zona Norte. Na terça participam, no Museu da Imagem e do Som (MIS), de um debate sobre dança ritual indígena. No dia 5, no auditório da *Folha de S. Paulo*, compõem mesa de debate sobre cidadania indígena. A mesma programação será levada ao Rio e a outras cidades no segundo semestre, mas as datas ainda não estão definidas.

Fotos de divulgação